

EDUCAÇÃO// Apesar da falta de recursos, 25 escolas públicas tornam-se referência pela forma criativa com que alcançam bons resultados. Elas são alvo de convênio entre governo e Conselho Britânico

RENATA MARIZ
DA EQUIPE DO CORREIO

Nenhuma delas escapa das deficiências do ensino público no Brasil. Mas apesar da falta de recursos e da carência de profissionais, 25 escolas estaduais do país tornaram-se exemplo para educadores britânicos. Eles estiveram em cada uma delas, há duas semanas, para aprender mais sobre gestão participativa, desenvolvimento de metodologias e relação aluno-professor. O *Correio Braziliense* e o *Diário de Pernambuco* acompanharam algumas das visitas. E puderam ver o que essas escolas têm de especial, embora estejam, como quase todos os colégios públicos do país, aquém das metas estabelecidas pelo Ministério da Educação. A lição bem assimilada pelos gringos está na simplicidade e, principalmente, na criatividade para vencer os obstáculos.

Em três dias, educadores da Inglaterra e da Escócia perceberam como boas idéias podem driblar a falta de dinheiro em caixa e resgatar alunos em situação de risco social. Os 25 colégios visitados pelo grupo de cinco estrangeiros ficam nos estados de São Paulo, Goiás, Tocantins, Santa Catarina e Pernambuco.

As visitas fazem parte do projeto Liderança nas Escolas – uma parceria entre o governo brasileiro e o Conselho Britânico. Ao longo de cinco anos, o programa vai estimular o intercâmbio de experiências e a implantação simultânea de atividades em colégios do Reino Unido e do Brasil. O objetivo principal é fortalecer a gestão e a avaliação escolar. O investimento estimado, por parte do parceiro britânico, é de R\$ 8 milhões de reais.

ILHAS de sabedoria

Edilson Rodrigues/CB - 13/6/07



O EDUCADOR CHARLES MACTEER (FUNDO) SURPREendeu-SE COM AS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NA ESCOLA ESTADUAL SENADOR TEOTÔNIO VILELA, EM GOIÂNIA

SOLUÇÕES SEM TEORIA

Nem tudo são flores nos colégios brasileiros escolhidos para participar do projeto Liderança nas Escolas, com o Conselho Britânico como parceiro. Apesar das atividades inovadoras, mesmo diante de dificuldades de recursos e mão-de-obra, duas fragilidades das 25 unidades visitadas por ingleses e escoceses chamaram a atenção. A primeira delas é a falta de uma sistematização de

dados, tais como relatórios de desempenho dos estudantes e da escola. A outra, ausência de registro das atividades desenvolvidas e dos métodos pedagógicos utilizados.

“Somos muito bons para improvisar, achar soluções criativas, mas pecamos pela falta de embasamento teórico e de método na hora de fazer as coisas”, admite Izabel de Jesus, gerente de gestão da Secretaria de Educação de Goiás. Ao fazer a crítica, o educador britânico Charles Macteer chama a atenção para um detalhe. “É preciso ter cuidado para não implantar uma burocracia excessiva

junto com as práticas de sistematização de dados e registro de metodologias”, alerta.

Boa parte das atividades programadas para serem desenvolvidas numa primeira fase do projeto, até março do ano que vem, vai se concentrar na autoavaliação das escolas. Estão previstas, por exemplo, a avaliação diária dos alunos, revisão de projetos pedagógicos e otimização do tempo. A execução das atividades será monitorada pelos dois parceiros — governo brasileiro e Conselho Britânico. “Temos metas a cumprir”, diz Cristina Dale, representante do Conselho Britânico.

Os diretores das 25 escolas brasileiras participantes do projeto – escolhidas pelo Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed) segundo critérios de gestão – terão a missão de atuar no país como multiplicadores. “Pegamos escolas que estão no meio do caminho na questão da liderança, que já têm alguns projetos desenvolvidos.

A idéia é trocar experiência e fortalecer o conceito tanto nas unidades brasileiras quanto nas britânicas”, explica Cristina. Em 2008, será a vez dos diretores brasileiros conhecerem de perto a realidade dos alunos do Reino Unido.

Queres dar sentido a tua vida?

Te ajudaria um encontro pessoal com Deus?

“ Pois quem me acha encontra a vida”
(Pr. 8, 35)

EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS

Inspirados em Santo Ignácio de Loyola, dirigidos por um sacerdote da União Lumen Dei-Igreja Católica Apostólica Romana

Em internato e silêncio

DIAS 14 E 15 DE JULHO

Começando na sexta-feira à noite

Informações: (061)3244 9231- das 9:30hs às 18:30hs - 8434 9754



Nossa Senhora do Encontro com Deus

UM ENSINAR SIMPLES

Na Escola Estadual Senador Teotônio Vilela, no bairro de Vera Cruz I, em Goiânia, o barulho nas salas de aula dura os três turnos. São oito turmas com uma média de 30 alunos cada. Todos eles sabem, de uma forma ou de outra, que estudam em um colégio diferente. Os argumentos são consistentes, irrefutáveis, numéricos, personificados. A 16ª colocação no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), entre as 1.279 escolas estaduais de Goiás, é um bom exemplo.

Caio Henrique Machado, de 14 anos, é outro. O garoto ficou em terceiro lugar, na categoria regional, na Olimpíada Brasileira de Matemática. Aluno da 8ª série do ensino fundamental, o menino conta que a disciplina nunca foi um bicho-de-sete-cabeças para ele. Mas destaca que, sem as aulas criativas dos professores, seria difícil entender os conteúdos mais complicados.

Para ensinar funções matemáticas, por exemplo, os professores lançam mão de um jogo de bingo. Com a “brincadeira”, ainda quebram o estigma que a disciplina tem entre os adolescentes. “Quando perce-

bemos que a turma está com dificuldade, usamos o lúdico”, explica a diretora da escola, Terezinha Vitor de Lima.

Surpresas

Diretor de uma escola na Escócia, o visitante Charles Macteer impressionou-se com a conexão entre professores e alunos. “Os educadores conseguem prender a atenção dos estudantes com medidas simples”, surpreende-se. Outra atividade que encheu os olhos de Macteer foi a aula de dança que todos os alunos da Escola Senador Teotônio Vilela frequentam pelo menos uma vez por semana. Aos sábados, a comunidade também pode participar. Já houve aula no final de semana com 120 pessoas.

Ao participar de um exercício de expressão corporal, Macteer se divertiu. Dançou com os alunos, teve de fazer caretas, imitar estátuas e, sobretudo, invejou o calor humano brasileiro. “Isso não aconteceria na minha escola. É uma lição para mim. Nós temos muitas limitações para expressar nossos sentimentos, carinho, afeição”, afirma o escocês. “Gostaria de implantar ati-

vidades do tipo lá, mas as próprias leis referentes aos direitos da criança impedem isso. É uma forma de protegê-las, mas que traz perdas”, compara.

O colégio em Goiânia não tem laboratórios. Mas nem por isso as aulas de ciências tornam-se enfadonhas. O professor Marco Aurélio Batista, de 32 anos, encontrou uma forma de minimizar o problema. Escolheu três alunos para serem monitores. Na biblioteca, ensina os estudantes a manipularem os componentes químicos. Depois, na hora da aula, leva a garotada para o pátio e, com o apoio dos ajudantes, repassa o conteúdo fabricando algo de útil para a escola.

Para falar de reações químicas e interligações moleculares, faz galões de detergentes. “A gente barateia os custos da escola e desperta a curiosidade de futuros cientistas, bioquímicos, farmacêuticos”, diz o professor. A didática inovadora, afirma Marcelo Ferreira, subsecretário de educação do estado de Goiás, faz toda a diferença. “Os professores têm que dar a aula como o aluno quer ouvir”, destaca.